

O ENSINO DE FILOSOFIA NO NÍVEL BÁSICO E NO NÍVEL SUPERIOR: comparando experiências.

Flavio Costa Balod¹

Acredito que se faz necessário, antes de tudo, prevenir que as reflexões que se seguem partem de uma experiência um tanto específica, que é a de ser professor de Filosofia no Colégio Pedro II. O Pedro II é um colégio público, mas, ao lado de algumas outras poucas instituições de ensino básico, diferencia-se da maioria das escolas públicas por fazer com que boa parte de seus alunos passe por concursos de acesso à matrícula no colégio. Tais processos de seleção tornam o público, para quem o professor fala, diferenciado, no seu desempenho, da maioria dos alunos das escolas estaduais (e assim é também, creio, nos CAPs e no Colégio Militar, por exemplo). A possibilidade de que esse julgamento seja parcial ou preconceituoso fica diminuída em virtude de apoiar-se no testemunho de colegas de diversas outras áreas que lecionam tanto no Pedro II quanto nos colégios estaduais, assim como também pela comparação, entre os alunos dessas instituições, com relação a seus desempenhos nos vestibulares.

Duas diferenças entre as experiências de trabalhar com Filosofia no ensino básico e no ensino superior podem ser lembradas de imediato. Uma, é a de que no ensino superior você fala para adultos que ali estão, na sala de aula, por escolha; supostamente, estarão, por isso, interessados no que você tem a dizer. A outra é a de que a função de professor no nível superior envolve também dedicação à pesquisa, que está, oficialmente, ao menos, excluída do magistério para o ensino básico no que se refere à distribuição da carga horária.

Tais diferenças poderiam desestimular o profissional de ensino de Filosofia, que gostaria de ser ouvido por quem quer ouvir e, eventualmente, debater sobre o que ouve, assim como também dedicar parte do seu tempo a leitura e à redação de textos que possam vir a ser publicados, como artigos, por exemplo. Mas, primeiro, quem já teve a experiência de dar aulas em ambos os níveis de ensino sabe (MUITO BEM...) que não há tanta diferença assim entre falar para adolescentes e falar para calouros de universidade que tenham 18, 19 ou 20, freqüentemente até 17 anos. Além disso, se você, professor de Filosofia, dá aulas para bacharelados em Filosofia, não está falando

¹ Doutor em Filosofia pela UFRJ, com estágio de três anos na Freie Universität Berlin. Professor do Departamento de Filosofia do Colégio Pedro II

necessariamente para pessoas que prosseguirão no curso, às vezes até por já estarem ali à espera de começar, no ano ou no semestre seguinte, outro curso universitário para o qual tenham passado. E mais: Filosofia é uma disciplina comum a vários cursos universitários; eu mesmo já dei aulas para alunos de Agronomia e de Veterinária, na UENF, tentando convencê-los de que *Fundamentos do conhecimento* (disciplina filosófica que tinham em virtude de um currículo básico unificado) era uma disciplina “fundamental” para o exercício de suas futuras profissões... É claro que dentre esses alunos, especificamente, encontrei poucos tomados de algum interesse pelo que os filósofos e eu tivéssemos a dizer. Ou seja, regularmente dão-se aulas para universitários que não tem interesse específico em Filosofia. Portanto, o simples fato de dar aulas no ensino superior não garante a obtenção de um público atento e interessado. Interessados os alunos estarão, freqüentemente, nos créditos obtidos uma vez que tenham passado pelo sacrifício das horas semanais sentados na tua sala de aula ou das outras “gastas” na leitura dos textos e, pior, daquelas horas em que têm que enfrentar as provas ou fazer os trabalhos de curso.

No que diz respeito à inexistência, na carga horária do professor de ensino básico, das horas reservadas para a pesquisa, admito que isso pode ser motivo de frustração, principalmente para o profissional de Filosofia, de quem, em princípio, se espera que seja alguém que goste de ler e de escrever – e de publicar, se possível. Mas quando você tem – como temos no Pedro II – uma carga horária semanal de 18 horas/aula, o que significa 9 turmas, com média de 35 alunos por turma, convenhamos que o tempo para pesquisa, ainda que por simples iniciativa individual, sem o apoio institucional, convenhamos que esse tempo fica significativamente reduzido. E quando temos provas a corrigir, então? 9 turmas x 35 alunos = 315 provas individuais a corrigir em uma semana e meia, três vezes ao ano, sem interrupção das aulas, mas com provável interrupção de várias outras atividades, a começar pelas lúdicas – o cineminha, a leitura do romance, o namoro, etc. Que inveja do colega de ensino superior na universidade pública, que dedica seu tempo fora da sala de aula a pesquisar intensivamente, o que o leva à publicação de alguns artigos anuais, quem sabe um livro eventualmente, e que NUNCA reclama quando tem que enfrentar aquela turma de calouros do primeiro período, enquanto dá aula de alguma outra disciplina para um semestre mais avançado do curso e oferece um seminário na pós-graduação! Contaram comigo?: três turmas... O que não será pouco, sempre que o profissional DE FATO estiver dedicando o restante da sua carga horária à pesquisa e à produção.

Mas, para compensar tais sentimentos negativos - a frustração e a inveja -, de vez em quando - com regularidade até, eu diria - o profissional que souber estimular o aluno do ensino médio a pensar filosoficamente, lendo os textos originais dos filósofos – apenas manuais de Filosofia, nunca!, por favor -, esse professor conhecerá uma satisfação profissional que estará negada, a princípio, ao colega do ensino superior. Conviver com pessoas na idade dos seus despertares vocacionais, poder influenciar tais despertares (às vezes, no sentido da Filosofia mesma) e oferecer exemplo e experiência a quem, nessa fase da vida, está costumeiramente sedento disso, essas são experiências que o professor no ensino superior não conhecerá. Terá certamente outras realizações extremamente satisfatórias na docência, mas diferentes. Vocês conseguem imaginar como é divertido expor os alunos ao poema de Parmênides, fazendo-os recitar que “O ser é e o não-ser não é”? Imaginam o espanto e o estranhamento de que são tomados por um tipo de discurso tão diverso daqueles a que se acostumaram, sejam os das outras disciplinas da escola, seja o discurso coloquial, a linguagem cotidiana? Temas de ética prática, como o aborto, a eutanásia, o casamento homossexual, o tratamento dispensado aos animais são objeto de debates acirrados, em meio aos quais cabe ao professor apenas tentar disciplinar a discussão, tentando fazer com que todos tenham a oportunidade de se manifestar e que aprendam a calar enquanto os outros falam – coisa que tantos adultos teimam em não aprender.

Além disso tudo, se estivermos convencidos de que o ensino de Filosofia no nível médio é socialmente importante, de que estamos ali contribuindo para o pleno desenvolvimento da *humanidade* dos indivíduos para quem falamos, o sentimento que nos acompanha nesse exercício do magistério é o da satisfação da utilidade pública – do *serviço público*, no sentido próprio dessa expressão. Pessoas que tenham tido, quando jovens, sua capacidade crítica estimulada e que tenham sido orientados na forma de exercer a crítica, uma vez que tenham sido expostos ao tipo de raciocínio que a Filosofia exige, expostos através do contato com o tipo de texto em que a linguagem filosófica se configura (e até mesmo pelo aprendizado de rudimentos de lógica, por que não?), supõe-se que tais pessoas serão melhores cidadãos da sua cidade. Tal suposição é, sim, socrático/platônica, admitimos. Mas mesmo os que eventualmente tenham uma visão mais elitista da Filosofia, qualificando-a como coisa para poucos (ou “para todos e para ninguém”, talvez), mesmo esses não de reconhecer que os “melhores” dentre os que compõem a população - os “aristocratas” no sentido grego da palavra - não o serão se não passarem pela Filosofia – ou se ela não os transpassar.

Eu, de minha parte, acredito tanto numa ligação necessária entre Filosofia e democracia, quanto que os “melhores” são aqueles que têm oportunidade de se destacarem num ambiente politicamente democrático. Tal ligação, costume dizer para meus alunos, verifica-se historicamente. Como ex-aluno do Pedro II, lamento não ter tido, à época do meu ensino médio, Filosofia como disciplina na grade curricular; mas não poderia mesmo ter tido: fiz o Colégio à época da ditadura militar, que retirou em 1971 tanto Filosofia quanto sociologia do currículo do ensino básico. Na Grécia Antiga, apenas Esparta, das cidades gregas importantes, parece não ter gerado nenhum filósofo, dos tantos que brotaram daquela cultura grega. É possível, talvez provável, que o modo de vida espartano e o sistema político espartano não tenham admitido ali o florescimento da Filosofia. E na União Soviética, em 70 anos de “socialismo real”, não se assistiu a um desenvolvimento que se pudesse notar, a partir de produção bibliográfica, das ciências humanas e da Filosofia. Democracia e pensamento filosófico nasceram juntos, na mesma época, e no mesmo lugar. Será por acaso?

Se não for por acaso, é lícito esperar que o magistério de Filosofia no ensino médio contribua para reforçar as raízes da democracia na mentalidade das pessoas. Pensamento filosófico não se desenvolve sem liberdade de opinião e de expressão. Ora, democracia é o que garante tal liberdade, sem a qual tal sistema político também não existe. É: parece que entre essas duas filhas do mundo grego a relação é estreita.

O retorno que tenho tido na minha prática docente, e os sucessos obtidos pelos colegas professores cujo trabalho observo de perto na minha unidade escolar provam que o magistério de Filosofia no ensino médio encontra campo fértil nas mentes adolescentes, ainda não tomadas por certas deformações de que não estarão livres assim que ingressem na idade adulta. Contudo, dito tudo isso cabe agora voltar ao início desta exposição, lembrando que o que acabo de relatar a vocês parte de uma experiência de magistério que não é a regra no ensino público.

E aí então cabe a pergunta: não deveria ser? Quando se puder oferecer generalizadamente educação de qualidade em ambos os segmentos do ensino fundamental, o Colégio Pedro II, os colégios de aplicação e o Colégio Militar deixarão de ser exceções no ensino médio público e a experiência de magistério, não apenas em Filosofia, mas nas outras disciplinas em geral, tal como com freqüência a vivemos no meu colégio quase duas vezes centenário, que já deu a este país várias personalidades de destaque na cultura, na tecnologia, na ciência, além de mais de um presidente da República, essa experiência de magistério poderá ser também a das centenas de colegas

professores que, na rede de educação pública básica, mais vive um sacerdócio na sua dedicação pouco reconhecida, do que a dignidade do exercício da profissão com as condições mínimas requeridas. E, infelizmente, trabalha muitas vezes sem as condições necessárias inclusive no que diz respeito ao material humano com que tem que lidar.